Esperança e Consolo Pastoral Diante da Morte

Uma análise Calvinista da esperança diante da morte

https://doi.org/10.5281/zenodo.19267879

Rev. Fabiano Queiroz[1]

O Púlpito, Curitiba, Brasil.

ABSTRACT

This article examines Christian hope and pastoral consolation in the face of death within the thought of John Calvin, arguing that the affirmation of the soul's consciousness after death serves an essentially pastoral function. It contends that, for Calvin, the doctrine of soul sleep is not merely a theological error, but one that undermines Christian consolation by emptying present hope and suspending the continuity of personal communion with God. Through a theological analysis of Calvin's writings, the study demonstrates that Christian hope is grounded in union with Christ and in the preservation of personal identity before God, even after bodily death. The article concludes that Calvin's theology offers a robust understanding of hope capable of sustaining faith amid grief and human finitude, integrating anthropology, Christology, and eschatology within a pastorally responsible vision of death.

Key words: Intermediate state. Soul sleep. Consciousness of the soul. John Calvin. Christian hope.

---

[1] Rev. Fabiano Queiroz é pastor presbiteriano, teólogo e expositor bíblico. Possui formação em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul e pós-graduação em Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná. Atua como pesquisador em pregação expositiva, com ênfase no método histórico-gramatical e na teologia bíblica. É autor de uma coleção expositiva que abrange os 66 livros da Bíblia e curador do portal www.opulpito.com.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-7577-0521.

Introdução

A morte constitui um dos maiores desafios à fé cristã, pois ela não apenas revela um evento biológico inevitável, mas também a realidade teológica que expõe os limites do consolo humano e testa a coerência das convicções doutrinárias. Em contextos de luto, sofrimento e finitude, afirmações teológicas abstratas revelam-se insuficientes se não forem capazes de sustentar a esperança concreta daqueles que enfrentam a perda e o temor da morte. Por essa razão, a forma como a Igreja compreende o que acontece após a morte não é questão periférica, mas elemento decisivo do cuidado pastoral.

No interior da grande tradição cristã, a esperança diante da morte sempre esteve ligada à promessa da ressurreição e à comunhão ininterrupta com Deus. Contudo, divergências quanto ao estado intermediário, especialmente no que diz respeito à consciência da alma após a morte, produzem concepções distintas de consolo cristão. Em alguns casos, a tentativa de preservar a centralidade da ressurreição final resulta, paradoxalmente, no esvaziamento da esperança presente, transformando a morte em um intervalo silencioso no qual a relação pessoal com Deus pareceria suspensa e interrompida (SOUZA, 2026b).

É nesse ponto que a reflexão pastoral de João Calvino revela sua relevância duradoura. Para Calvino, a doutrina do sono da

alma não representa apenas um erro conceitual, mas uma ameaça direta ao consolo e esperança oferecidas no Evangelho. Ao negar a consciência da alma após a morte, tal doutrina compromete a confiança na continuidade da comunhão com Deus e introduz uma forma de esperança adiada que, em vez de sustentar o crente diante da morte, tende a aprofundar a incerteza, o temor e a dor (SOUZA, 2026a).

Este artigo sustenta que, no pensamento calvinista, a afirmação da consciência da alma no estado intermediário desempenha função essencialmente pastoral. Longe de ser uma especulação escatológica, essa doutrina preserva a esperança cristã como experiência viva, capaz de sustentar a fé diante da morte e do sofrimento. A continuidade da existência pessoal diante de Deus, mesmo após a ruptura entre corpo e alma, assegura que a morte não interrompe a relação do crente com Cristo, mas a conduz a uma forma distinta e mais elevada de comunhão (SOUZA, 2026b).

Para desenvolver essa tese, o estudo examina a relação entre doutrina e consolo no pensamento de Calvino, com atenção especial à sua crítica pastoral à doutrina do sono da alma e à centralidade da união com Cristo como fundamento da esperança cristã. O método adotado consiste em uma análise teológica de seus escritos, considerando a articulação entre antropologia, cristologia e escatologia, sem recorrer a abordagens homiléticas ou aplicações devocionais diretas (SOUZA, 2026c).

Ao explorar a esperança cristã diante da morte a partir da teologia calvinista, este artigo pretende contribuir para uma compreensão pastoralmente responsável da doutrina do estado intermediário. Em um contexto contemporâneo marcado por silêncios, reducionismos ou consolos frágeis diante da morte, recuperar uma esperança teologicamente fundamentada na bíblia revela-se não apenas relevante, mas necessária para a vida da Igreja.

A morte como problema teológico e pastoral

A morte não se impõe à fé cristã apenas como experiência humana universal, mas como desafio teológico que testa a consistência do que a Igreja crê, ensina e anuncia. Diante da morte, não são apenas as emoções que emergem; emergem dúvidas das mais diversas e perguntas sobre Deus, sobre a continuidade da vida e sobre o sentido último da esperança cristã. Por essa razão, qualquer tentativa de tratar a morte apenas como questão psicológica ou existencial revela-se insuficiente. A morte é, antes de tudo, um problema teológico e, portanto, um problema pastoral (SOUZA, 2026a).

A Escritura não minimiza a gravidade da morte. Ela a descreve como inimiga, como ruptura e como consequência trágica da queda (cf. Gênesis 3). Ao mesmo tempo, a Escritura se recusa tratá-la como realidade absoluta, soberana ou definitiva (SOUZA, 2026d). Essa tensão, entre a seriedade da morte e a

esperança que a atravessa, estrutura a experiência cristã e delimita o espaço próprio do consolo pastoral. Onde essa tensão é rompida, seja pela negação da dor, ou pela diluição da esperança, o cuidado pastoral perde sua integridade.

Nesse contexto, torna-se evidente que diferentes compreensões teológicas da morte produzem diferentes formas de consolo. Um consolo que ignora a gravidade da morte tende ao sentimentalismo; um consolo que posterga toda esperança para um futuro distante tende ao silêncio ou à resignação. Em ambos os casos, o resultado pastoral é frágil. A fé cristã, contudo, não oferece nem anestesia emocional nem estoicismo religioso, mas uma esperança que enfrenta a morte sem negar sua dor e seus limites (SOUZA, 2026b).

É precisamente nesse ponto que João Calvino identifica o problema pastoral da doutrina do sono da alma. Ao descrever a morte como entrada em um estado de inconsciência absoluta, tal doutrina esvazia o presente da esperança cristã. A relação pessoal com Deus soa suspensa, e o consolo oferecido ao crente se reduz à expectativa distante da ressurreição final. Para Calvino, essa forma de esperança adiada não sustenta a fé no momento em que ela é mais necessária. Além disso, carece de respaldo bíblico (SOUZA, 2026a).

A morte, no cuidado pastoral, exige mais do que a promessa de um evento futuro, ela exige a afirmação de que a comunhão

com Deus não é interrompida pela ruptura corporal. Sem essa convicção, o discurso cristão corre o risco de se tornar evasivo ou silencioso diante do sofrimento real. O luto não é acompanhado apenas por palavras, mas pela confiança de que aquele que morreu permanece diante de Deus e que a morte, embora real, não possui domínio absoluto sobre a vida humana (SOUZA, 2026b).

Assim, compreender a morte como problema teológico e pastoral significa reconhecer que o consolo cristão depende diretamente da doutrina que o sustenta. Onde a teologia enfraquece a continuidade da relação pessoal com Deus, o consolo se torna abstrato e distante. Onde a esperança é reduzida a um futuro se torna remoto, a fé presente se fragiliza. A reflexão calvinista, ao contrário, procura preservar uma esperança capaz de sustentar o crente no limiar da morte, sem negar sua dor e sem esvaziar a promessa do Evangelho (SOUZA, 2026a).

A esperança cristã e a continuidade da comunhão com Deus

A esperança cristã diante da morte não se define apenas pela expectativa da ressurreição final, mas pela convicção de que a comunhão pessoal com Deus não é interrompida pela ruptura corporal.

Essa continuidade relacional constitui o núcleo do consolo cristão e distingue a esperança evangélica de formas genéricas de conforto religioso, pois para o cristão o céu nada mais é do

que Coram Deo, ou seja, estar na presença de Deus, em comunhão com ele de forma ininterrupta é o céu (SOUZA, 2026b).

A fé cristã não oferece apenas a promessa de um futuro restaurado, mas a afirmação de uma relação restaurada e preservada, mesmo no limiar da morte.

No pensamento de João Calvino, essa continuidade da comunhão com Deus é elemento decisivo da esperança. A morte não representa um vazio relacional nem um hiato espiritual no qual o crente deixa de existir diante de Deus. Ao contrário, a separação entre alma e corpo não rompe a relação pessoal estabelecida pelo pacto da graça. O crente não transita da vida para o silêncio absoluto, mas da vida terrena para uma forma distinta e mais elevada de existência diante da face do mesmo Deus que o chamou, justificou e sustentou ao longo de sua peregrinação (SOUZA, 2026a).

Essa compreensão confere densidade teológica à esperança cristã. A esperança não se reduz a uma expectativa cronológica, algo que acontecerá apenas no fim dos tempos, mas assume caráter relacional e presente. O crente espera a ressurreição para retornar a unidade plena e porque já pertence a Deus, e pertence a Deus porque sua relação com Ele não depende da integridade corporal, mas da fidelidade divina. Assim, a esperança cristã não se limita ao “ainda não”, mas se ancora no “já” da comunhão preservada pelo poder de Deus (SOUZA, 2026d).

A continuidade da comunhão com Deus também protege o

consolo cristão de duas distorções recorrentes. De um lado, impede que a esperança seja dissolvida em abstrações escatológicas incapazes de sustentar a fé no momento de luto. De outro, evita que o consolo pastoral se transforme em mera tentativa de suavizar a dor por meio de palavras genéricas ou emocionalmente reconfortantes. O consolo cristão não nega a dor da perda, mas afirma que a morte não rompe a relação que define a vida do crente diante de Deus (SOUZA, 2026b).

Além disso, essa continuidade relacional confere sentido à linguagem bíblica que descreve a morte como "partida" e como estar "com o Senhor". Tais expressões não funcionam como metáforas vazias, mas como afirmações teológicas que pressupõem a permanência da consciência pessoal e da relação com Deus. A esperança cristã, nesse horizonte, não repousa em uma sobrevivência impessoal ou em uma dissolução do eu, mas na preservação da identidade pessoal diante de Deus, ainda que em condição distinta da vida corporal em sua unidade corpo e alma (SOUZA, 2026b).

Desse modo, a esperança cristã diante da morte revela-se inseparável da doutrina que a sustenta. Onde a comunhão com Deus é concebida como interrompida pela morte, o consolo se torna frágil e a esperança se desloca inteiramente para um futuro distante. Onde, porém, a continuidade dessa comunhão é afirmada, a esperança assume caráter robusto e pastoralmente significativo. É essa convicção que permite à teologia calvinista oferecer consolo que não elimi-

na a dor, mas a abraça enquanto sustenta a fé no momento em que a morte parece impor seu silêncio (SOUZA, 2026a).

A crítica calvinista à doutrina do sono da alma como crítica pastoral

A rejeição da doutrina do sono da alma por João Calvino não nasce de mera discordância teórica, mas também de uma preocupação pastoral concreta. Para Calvino, o problema central dessa doutrina não reside apenas em sua fragilidade exegética ou em suas pressuposições antropológicas, mas em seus efeitos diretos sobre a esperança cristã e o consolo oferecido àqueles que enfrentam a morte. Trata-se, portanto, de uma crítica que emerge da convicção de que falsas doutrinas produzem falso consolo (SOUZA, 2026c).

Ao descrever a morte como entrada em um estado de inconsciência absoluta, a doutrina do sono da alma transforma o estado intermediário em um vazio relacional. A ruptura da comunhão entre o crente e Deus se torna real e absoluta. Ainda que preserve formalmente a ressurreição final, ela priva o presente da esperança cristã de qualquer conteúdo significativo. O crente é convidado a esperar por um futuro distante, enquanto a morte, no intervalo, é marcada por silêncio, suspensão e ausência de relação consciente com Deus. Para Calvino, essa forma de esperança adiada não sustenta a fé no momento do luto, mas aprofunda a sensação

de perda e desamparo (SOUZA, 2026a).

A crítica calvinista revela, assim, que a questão em jogo não é apenas quando a esperança se cumpre, mas como ela sustenta o crente diante da morte. Uma doutrina que posterga toda a comunhão para além da ressurreição final deixa o crente sem linguagem teológica adequada para enfrentar o momento da morte. O consolo oferecido torna-se abstrato, incapaz de acompanhar a experiência concreta da perda. Em vez de fortalecer a confiança em Deus, tal concepção tende a gerar silêncio pastoral ou resignação forçada (SOUZA, 2026c).

Além disso, ao negar a consciência da alma após a morte, o sono da alma enfraquece a compreensão cristã da continuidade da vida pessoal diante de Deus. A relação que define a vida do crente, sua comunhão com Deus pela fé, pareceria interrompida precisamente no momento em que mais se necessita da fidelidade divina. Para Calvino, essa ruptura teológica é pastoralmente inaceitável, pois contradiz a promessa bíblica de que nada pode separar o crente do amor de Deus (SOUZA, 2026a).

A crítica ao sono da alma, portanto, deve ser entendida como defesa do caráter relacional da esperança cristã. Calvino não combate essa doutrina por apego a esquemas metafísicos, mas porque ela obscurece a verdade central do Evangelho: a vida do crente está escondida em Deus e não é anulada pela morte. A continuidade consciente da existência humana após a morte

não elimina a dor do luto, mas impede que a morte seja interpretada como interrupção definitiva da comunhão com Deus (SOUZA, 2026a).

Nesse sentido, a posição calvinista preserva a integridade do cuidado pastoral. Ela permite que a Igreja fale da morte sem recorrer a consolos artificiais e sem silenciar diante do sofrimento. Ao afirmar que o crente permanece diante de Deus após a morte, Calvino oferece uma esperança capaz de sustentar a fé no presente, mesmo enquanto aguarda a ressurreição final. A crítica ao sono da alma revela-se, assim, não apenas teologicamente consistente, mas pastoralmente necessária (SOUZA, 2026d).

A Morte do Crente à Luz da União com Cristo

No pensamento de Calvino, a esperança cristã diante da morte encontra seu fundamento decisivo na união do crente com Cristo. Não se trata de um princípio acessório ou meramente devocional, mas do eixo teológico que sustenta toda compreensão cristã da vida, da morte e da esperança futura. A morte do crente não pode ser interpretada isoladamente; ela deve ser compreendida à luz da morte, da vida e da exaltação de Cristo (SOUZA, 2026a).

A união com Cristo implica que aquilo que acontece ao Mediador, em sua humanidade, informa de modo normativo o destino daqueles que lhe pertencem

(SOUZA, 2026d). Cristo morreu verdadeiramente, experimentando a separação entre alma e corpo, sem que sua humanidade fosse dissolvida ou sua relação com o Pai interrompida. Essa realidade cristológica estabelece o paradigma para compreender a morte do crente: a morte é real, dolorosa e disruptivo, mas não rompe a comunhão fundamental que define a vida diante de Deus (SOUZA, 2026b).

Ao interpretar a morte à luz da união com Cristo, Calvino afasta duas leituras pastoralmente problemáticas. A primeira é a que espiritualiza excessivamente a morte, tratando-a como simples libertação da alma ou transição sem dor. A segunda é aquela que faz da ruptura um evento soberano, descrevendo a morte como suspensão da relação pessoal com Deus. A união com Cristo permite reconhecer a gravidade da morte sem atribuir-lhe poder final sobre a vida do crente (SOUZA, 2026a).

Essa perspectiva cristológica também confere conteúdo positivo ao consolo cristão. O crente não é chamado a enfrentar a morte confiando em uma abstração escatológica, mas em uma pessoa concreta, cuja vida venceu a morte e cuja humanidade permanece viva diante de Deus. A morte do crente, portanto, não é interpretada como entrada em um estado de isolamento ou silêncio absoluto, mas como passagem para uma forma distinta e mais elevada de comunhão com Cristo, ainda que incompleta na unidade humana em relação à ressurreição final (SOUZA, 2026d).

Além disso, a união com Cristo preserva a continuidade da identidade pessoal sem recorrer a construções demasiado especulativas. Aquele que morre em Cristo não perde sua história, sua identidade ou sua relação com Deus. A vida do crente está escondida em Cristo e, por isso, não pode ser anulada pela morte corporal. Essa convicção oferece um consolo que não elimina o luto, mas impede que o luto seja dominado pelo desespero (SOUZA, 2026c).

Por fim, compreender a morte do crente à luz da união com Cristo confere estabilidade pastoral à esperança cristã. O consolo não depende da força emocional do indivíduo nem da capacidade da comunidade de oferecer palavras adequadas, mas da fidelidade de Cristo que sustenta aqueles que lhe pertencem. A morte, nesse horizonte, não representa abandono divino, mas a continuidade da obra graciosa de Deus na vida do crente, mesmo em meio à ruptura mais profunda da existência humana (SOUZA, 2026b).

Implicações Pastorais da Esperança Calvinista

A compreensão calvinista da esperança cristã diante da morte produz implicações pastorais diretas e duradouras. Ao afirmar a continuidade da comunhão com Deus e a preservação da identidade pessoal após a morte, João Calvino oferece à Igreja uma estrutura teológica capaz de sustentar o cuidado pastoral em contextos de luto, sofrimento e temor da morte. Essas implicações não se expressam em

técnicas pastorais específicas, mas em uma visão de esperança que molda a forma como a morte é nomeada, enfrentada e acompanhada na vida comunitária (SOUZA, 2026a).

Em primeiro lugar, essa esperança confere honestidade ao cuidado pastoral. A morte não é minimizada nem espiritualizada; ela é reconhecida como ruptura real e dolorosa. O consolo cristão, nesse horizonte, não nasce da negação da perda, mas da convicção de que a morte não possui domínio absoluto sobre a vida do crente. Essa postura permite que a Igreja acompanhe o luto sem recorrer a fórmulas vazias ou a silêncios constrangedores, oferecendo esperança que respeita a dor e, ao mesmo tempo, à vence (SOUZA, 2026c).

Em segundo lugar, a esperança calvinista preserva a centralidade da relação pessoal com Deus no cuidado pastoral. O consolo não se apoia em ideias abstratas sobre a imortalidade da alma, mas na continuidade da comunhão com Deus sustentada pela união com Cristo. Essa ênfase relacional impede que a morte seja interpretada como interrupção da vida espiritual e oferece ao crente a confiança de que sua história diante de Deus não é suspensa no momento da morte (SOUZA, 2026b).

Além disso, essa compreensão da esperança contribui para uma pastoral que forma a vida cristã no presente. A consciência de que a vida do crente permanece guardada em Deus, mesmo diante da morte, molda atitudes de perseverança, confiança e sobriedade.

A esperança cristã não se limita ao momento do luto, mas orienta a forma como o crente vive, sofre e enfrenta a própria finitude. Nesse sentido, a doutrina não serve apenas para consolar os mortos, mas para sustentar e consolar os vivos.

Outro aspecto relevante diz respeito à linguagem pastoral. A reflexão calvinista oferece à Igreja um vocabulário teológico capaz de falar da morte sem recorrer a sentimentalismos nem a abstrações evasivas. Expressões como "estar com o Senhor" ou "partir" adquirem densidade teológica real quando compreendidas à luz da continuidade da comunhão com Deus. Essa linguagem não elimina o mistério da morte, mas impede que ele seja preenchido por silêncios teológicos ou por concepções frágeis da esperança cristã (SOUZA, 2026a).

Por fim, as implicações pastorais da esperança calvinista revelam-se especialmente relevantes em contextos contemporâneos marcados pela dificuldade de lidar com a morte. Em um cenário no qual a morte é frequentemente ocultada ou suavizada com a utilização de medicamentos, ou até mesmo, esvaziada de sentido, a teologia de Calvino oferece à Igreja recursos para enfrentar a finitude humana com verdade e esperança (SOUZA, 2026a). Ao integrar antropologia, cristologia e escatologia em uma visão coerente, essa esperança sustenta um cuidado pastoral que não foge da morte, mas a enfrenta à luz do Evangelho sem lhe conferir um poder que não possui (SOUZA, 2026c).

Considerações Finais

Este artigo procurou demonstrar que, no pensamento de João Calvino, a doutrina da consciência da alma após a morte não possui apenas relevância teórica, mas desempenha função decisiva no consolo pastoral e na sustentação da esperança cristã diante da morte. Longe de constituir especulação escatológica marginal, essa afirmação emerge como desdobramento coerente de uma teologia que integra antropologia, cristologia e escatologia em torno da fidelidade de Deus para com o ser humano (SOUZA, 2026c).

Ao tratar a morte como problema simultaneamente teológico e pastoral, evidenciou-se que diferentes compreensões doutrinárias produzem diferentes formas de consolo. A crítica calvinista ao sono da alma revelou-se, nesse sentido, uma crítica pastoral: ao negar a continuidade consciente da comunhão com Deus, tal doutrina enfraquece a esperança presente e priva o cuidado pastoral de linguagem teológica adequada para acompanhar o luto e o sofrimento. Para Calvino, uma esperança que só começa no último dia não sustenta a fé no momento em que a morte se impõe com maior força (SOUZA, 2026a).

A centralidade da união com Cristo mostrou-se o fundamento último dessa esperança (SOUZA, 2026d). A morte do crente, compreendida à luz da morte e da vida de Cristo, não representa interrupção da relação pessoal com Deus, mas passagem para uma forma distinta e mais elevada de comunhão, ainda

incompleta em relação à unidade do corpo na ressurreição final. Essa convicção preserva a gravidade da morte sem atribuir-lhe poder absoluto e oferece ao conselheiro cristão uma base que não depende de recursos emocionais ou estratégias pastorais circunstanciais.

As implicações pastorais dessa esperança evidenciam que a doutrina não serve apenas para responder a perguntas abstratas sobre o além, mas molda a forma como a Igreja fala da morte, acompanha o luto e sustenta a vida cristã sob a sombra da finitude. Ao oferecer uma esperança teologicamente fundamentada, a reflexão calvinista permite que a Igreja enfrente a morte com verdade, evitando tanto o silêncio evasivo quanto o consolo superficial (SOUZA, 2026a).

Conclui-se, portanto, que a esperança cristã, tal como articulada por Calvino, não é mero complemento da fé, mas expressão viva de sua coerência interna. Ao afirmar a continuidade da comunhão com Deus diante da morte, essa esperança sustenta o crente no presente, orienta o cuidado pastoral e preserva a centralidade do Evangelho no momento em que a existência humana se mostra mais frágil (SOUZA, 2026a).

Recuperar essa perspectiva revela-se particularmente relevante em contextos contemporâneos marcados pela dificuldade de lidar com a morte, reafirmando que a teologia cristã, quando fiel ao seu conteúdo, é capaz não apenas de explica-la, mas de sustentar, consolar e redimir a dor enquanto atribui o significado bíblico correto ao

tema da morte e lhe impõe os limites impostos por Cristo na Cruz do Calvário (SOUZA, 2026d).

RESUMO

Este artigo analisa a esperança cristã e o consolo pastoral diante da morte no pensamento de João Calvino, demonstrando que a afirmação da consciência da alma após a morte desempenha função essencialmente pastoral. Sustenta-se que, para Calvino, a doutrina do sono da alma não representa apenas um equívoco teológico, mas compromete diretamente o consolo cristão ao esvaziar a esperança presente e suspender a continuidade da comunhão pessoal com Deus. A partir de uma análise teológica de seus escritos, o estudo evidencia que a esperança cristã se fundamenta na união com Cristo e na preservação da identidade pessoal diante de Deus, mesmo após a ruptura corporal. Conclui-se que a teologia calvinista oferece uma compreensão da esperança capaz de sustentar a fé no contexto do luto e da finitude humana, integrando antropologia, cristologia e escatologia em uma visão pastoralmente responsável da morte.

Palavras-chave: Esperança cristã; Consciência da alma; Escatologia; Estado intermediário; Sono da alma; João Calvino; Cuidado pastoral; Aconselhamento; Psychopannychia.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 2 v.

CALVINO, João. Psychopannychia. Disponível em: https://opulpito.com.br/estudos-expositivos/artigos/psychopannychia-joao-calvino/ . Tradução e Comentário Exegético de Fabiano Queiroz de Souza. Acesso em: 18 jun. 2026a.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Psychopannychia: A Consciência da Alma no Estado Intermediário. Disponível em: https://opulpito.com.br/psychopannychia-alma-estado-intermediario/. Acesso em: 18 jun. 2026b.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Psychopannychia: Alma e Corpo na Antropologia Teológica Reformada. Disponível em: https://opulpito.com.br/psychopannychia-alma-estado-intermediario/. Acesso em: 18 jun. 2026c.

SOUZA, Fabiano Queiroz. Teologia: Doutrinas Essenciais para Pregadores do Evangelho: As doutrinas que todo pregador precisa dominar para pregar com fidelidade. Curitiba: OPulpito, 2026d.